
FORMAS DE CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: MODALIDADES DE PARTICIPAÇÃO DAS UNIVERSIDADES DO ESTADO DE SÃO PAULO NOS ANAIS DA SBPC, 1979 – 1993¹

SANTOS, Jonas Rafael dos²
ROIZ, Diogo da Silva

RESUMO: O artigo analisa algumas das características contidas nos resumos apresentados nas reuniões anuais da SBPC publicados sem seus Anais, no período de 1979 a 1993, sob os seguintes indicadores: a) variação anual do número de resumos apresentados, no período, na área de História; b) titulação do apresentador; c) e a participação das Universidades do Estado de São Paulo.

Palavras- chave: SBPC. Universidades. Estado de São Paulo. Publicações sequenciais.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe-se a analisar a trajetória das reuniões anuais da Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência (SBPC)³, a partir de seus Anais, na área de História, no período de 1979 a 1993, sob os seguintes indicadores: a) variação anual do número de resumos apresentados no período; b) titulação do apresentador; c) e a participação das Universidades do estado de São Paulo nas reuniões do período selecionado. Ou para dizer o mesmo, qual o número de resumos, quem foram os apresentadores e de onde vieram.

O estudo de publicações sequenciais tem atraído a atenção de diversos estudiosos e vem se tornando objeto de várias pesquisas entre as áreas de Ciências Humanas nos últimos anos⁴. Pelas

¹ O presente estudo fez parte dos trabalhos realizados pelo Programa Especial de Treinamento do curso de História, da Unesp de Franca, no ano de 1999 e início de 2000, sob a orientação da Prf^o. Dr^o Aparecida da Glória Aissar, então tutora do programa. O artigo é uma versão reformulada de parte da pesquisa.

² Mestrando em História, com financiamento CAPES e Doutorado em História, com financiamento CAPES.

³ Foi fundada em 1948; foi criada em 1949 a revista: Cultura e Ciência; a primeira reunião ocorreu em Outubro de 1949 em Campinas, onde compareceram 104 participantes no congresso; desde então tem sido um evento de grande repercussão no país (VÁRIOS, 1998).

⁴ A preocupação com o estudo de longos períodos, a trajetória de autores e linhas de pensamento, por meio dos quais se caracterizava a pesquisa de cunho historiográfica, própria àqueles estudos que procuravam englobar o processo histórico em sua totalidade vem recebendo um outro tipo de tratamento nas últimas décadas, preferencialmente analisando não a complexidade total dos processos históricos, em seus desdobramentos sociais, culturais, políticos e econômicos, mas averiguando seus caminhos com base em pesquisas temáticas (BOUTIER; JULIA, 1998). A diversificação dos trabalhos historiográficos tem aberto possibilidades de “novas” leituras sobre o passado e as atitudes dos sujeitos históricos. Não obstante, a possibilidade de estudos temáticos, revendo processos e assuntos ainda pouco pesquisados, uma outra característica a ser notada diz respeito ao tipo de análise que compõem os estudos historiográficos, que além de vislumbrarem os estilos, filosofias e teorias produzidas em uma determinada época, suas repercussões e “novas” leituras, em tempo e espaço diferentes daqueles onde foram criadas, permitem a análise dos atores sociais envolvidos naqueles processos, a partir do estudo de suas leituras, meios de produção de produtos econômicos e bens simbólicos, sua distribuição e circulação, quais foram seus referenciais, como discutiam e quais os temas pertinentes naquele período (CERTEAU, 1982; LE GOFF, 1996).

suas características próprias, o exame de publicações periódicas, tem contribuído no detalhamento de temas e enfoques escolhidos por estudiosos em determinadas épocas, a partir da verificação dos debates provenientes daquelas publicações. Além disso, “as publicações seqüenciais podem proporcionar ao estudioso as possibilidades de vislumbrar quais seriam os temas de interesse na época, a maneira como foram abordadas, que eram seus autores e quem eram seus leitores” (LUCA, 1999), assim contribuindo para se pensar e avaliar a produção intelectual em determinados períodos de nossa História.

Para alcançar os objetivos pretendidos, buscou-se entender por congresso um espaço favorável para o encontro de profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, discutindo assuntos a eles e a sua época pertinente, por isso mesmo, um espaço que permite verificar a participação de profissionais de diversas partes do país. As publicações seqüências dos congressos, nos cadernos de resumos, possibilitam que o pesquisador verifique quais os temas em debate, quem foram seus participantes e de onde vieram, embora não tragam informações pormenorizadas sobre os métodos e as linhas teóricas adotadas, ou então desenvolvidas pelo estudioso. Os resumos permitem vislumbrar objetivos e fontes escolhidas pelo pesquisador no trabalho.

Não obstante, exista uma mudança quanto ao tamanho dos resumos no período pesquisado, as regras para a sua confecção foram mantidas, seguindo o seguinte padrão: introdução, objetivo, metodologia, resultados e conclusão. Foi em meados da década de 1970, que a reunião anual da SBPC reformulou o seu espaço no congresso, delimitando as Ciências Exatas e Biológicas para determinados setores, enquanto outros foram abertos para as Ciências Humanas (conforme Tabela: 1). E foi a partir dessa reformação que este trabalho iniciou seu recorte, prosseguindo até 1993, quando novamente o congresso refaz seu espaço, viabilizando a modalidade de iniciação científica, para alunos em nível de graduação.

Carlos Fico; Ronald Polito (1992) , além de estudarem os avanços dos estudos históricos brasileiros, a partir do desenvolvimento das pesquisas, em nível de mestrado e doutorado, no período de 1980 a 1989, ora, também, enfatizando o aumento de periódicos criados nas Ciências Humanas e em História, tornando mais dinâmica a distribuição do conhecimento de ponta produzido no país, por meio de artigos e resenhas, verificam, além disso, a circulação dos estudos históricos – em congressos como a SBPC e a ANPUH – entre as universidades brasileiras, no período ora selecionado. Quanto às reuniões do congresso nacional da SBPC, os autores, mostraram (como se segue na Tabela: 1) a contribuição das áreas de Humanas e, particularmente, da História, dentro do evento.

Tabela1: Comunicações de história apresentadas nas reuniões anuais da sbpc, 1980 – 1989.

| REUNIÃO | ANO | LOCAL | TOTAL GERAL | HUMANAS | HISTÓRIA |
|-----------------|------|-----------|-------------|-------------|-----------|
| 32 ^a | 1980 | RJ - RJ | 2.747 | 11,7% (322) | 0,9% (27) |
| 33 ^a | 1981 | Salvador | 2.665 | 10,2% (274) | 0,7% (20) |
| 34 ^a | 1982 | Campinas | 2.826 | 12,5% (356) | 1,0% (29) |
| 35 ^a | 1983 | Belém | 2.584 | 11,8% (306) | 0,7% (20) |
| 36 ^a | 1984 | São Paulo | 3.142 | 14,3% (452) | 1,1% (36) |
| 37 ^a | 1985 | BH - MG | 2.758 | 14,8% (410) | 1,3% (36) |
| 38 ^a | 1986 | Curitiba | 3.352 | 15,9% (536) | 1,8% (63) |
| 39 ^a | 1987 | Brasília | 2.804 | 13,5% (381) | 1,2% (34) |
| 40 ^a | 1988 | São Paulo | 3.036 | 20,1% (611) | 1,3% (42) |
| 41 ^a | 1989 | Fortaleza | 2.479 | 15,3% (381) | 0,4% (10) |

FONTE: Resumos das Resumos Anuais da SBPC. In: Fico; Polito, 1992: 102.

Obviamente, o recorte que foi proposto não permite uma análise sistemática dos temas e periódicos escolhidos pelos apresentadores, autores dos resumos. Entretanto, para se ter uma idéia, como constatação: a) até o final dos anos 1970, a maior parte das discussões girava em torno das delimitações e fronteiras da disciplina e das possibilidades de pesquisa na área de História, sendo deste modo, as discussões sobre teoria e filosofia da História temas recorrentes, assim como, pesquisas com o aporte metodológico em outras disciplinas como a Antropologia, a Demografia, a Sociologia, a Filosofia. Desse período também foi possível notar um aumento de trabalhos apresentados sobre a Primeira República, focalizando questões como: imigração; economia cafeeira; industrialização; questões de raça; política entre partidos.

No período que se seguiu aos anos 1980 e 90, embora o número de trabalhos teóricos tenha diminuído acentuadamente (como de teoria da História, também porque, houve neste período uma redefinição entre as seções dos cadernos de resumos), trabalhos testando metodologias, principalmente francesas e inglesas, mantiveram-se compondo dizer um mosaico de linhas e temas de pesquisa como: os debates sobre raça; os estudos sobre a escravidão e as peculiaridades do regime escravista brasileiro; o perfil e as características da imigração e da migração, bem como a obtenção de capitais e investimentos; o desenvolvimento da industrialização nacional; a formação de fronteiras nacionais; as idéias de nação e nacionalismo na formação do Estado Brasileiro; as questões de gênero e cotidiano. No entanto, a história Colonial e Imperial, apenas no final do período teve um revigoração nos estudos, sendo a História da República a grande contemplada nas pesquisas apresentadas nos Anais do Congresso. Nas últimas décadas houve a consolidação do

sistema Universitário Brasileiro⁵. Além do aprimoramento e renovação dos currículos em nível de graduação, do aparecimento de novas Faculdades e Universidades Federais, Estaduais, Municipais e Particulares, o número de programas de pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado vem crescendo muito desde a década de 1970, nas áreas de Ciências Humanas e Sociais (Cf. FICO; POLITO, 1992). A diversificação do número de programas tem redistribuído os centros de pesquisa e produção do saber, fazendo escoar a produção de ponta por meio de livros, revistas e teses, não apenas em São Paulo e entre o Sudeste, como ocorrerá durante longo período desde o início do século XX, quando o número de centros de pesquisa fora muito pequeno e o intercâmbio entre os Estados ficava restrito a poucas formas de distribuição de informação e encontros culturais. Com exceção daquelas faculdades de Direito, Medicina e Engenharia, distribuídas entre algumas áreas do país, a produção do conhecimento em outras áreas e a formação de profissionais ainda era muito restrita (Cf. RODRIGUES, 1965). Mesmo depois da criação das Faculdades de Educação, Ciências e Letras, posteriormente multiplicadas com as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e as Faculdades de Economia, o problema da formação profissional em outras áreas do saber e a produção e distribuição do conhecimento de ponta produzido no país, ainda estava restrito ao espaço onde foram produzidos (Cf. IGLÉSIAS, 1987; MALERBA, 1998; TELES, 2000).

Esse problema afigurava-se mais persistente, também porque o número de editoras e livrarias no país era então muito escasso e mesmo depois das décadas de 1940 e 50, quando ocorreu um salto quantitativo e qualitativo no processo de editoração e formatação dos exemplares produzidos (em

⁵ As Universidades brasileiras, nesses últimos anos passam por um conjunto de transformações, que tem acompanhado as mudanças da sociedade a que se tem convencionado chamar de “global”. No que diz respeito aos debates acadêmicos verifica-se que a produção historiográfica das Universidades Brasileiras – na área de História – tem passado por diversas mudanças nestas últimas décadas, em função das renovações no métodos, abordagens, problemas e avanços nas pesquisas, por meio de casos realizados em várias partes do país, provenientes, principalmente internacionais da historiografia posterior à década de 1960 (CARDOSO; VAINFAS, 1997; FREITAS, 1998). A contribuição dessa historiografia ocorreu não apenas na apropriação de métodos de pesquisa e na valorização de temas, até então pouco ou nada pesquisados, mas também na revisão de assuntos até então dados com quase definidos, além de ampliar as reflexões sobre aquelas obras pioneiras e anteriores a década de 1960. Sendo deste modo, possível o intercâmbio de idéias e debates, não só em livros, teses e artigos, mas também em congressos, encontros de pesquisadores nacionais e estrangeiros, no período que se seguiu às décadas de 1980 e 1990. Por outro lado, no que diz respeito ao funcionamento administrativo, as Universidades, tem como desafio elaborar uma nova gestão burocrática, em função das transformações que circunscreveram a sociedade e o mundo no último quarto do século XX. Do ponto de vista curricular, suas propostas estão sendo interpretadas, em debates políticos e nos meios de comunicação de massa, como limitadas frente á exigências do “novo” mercado de trabalho. Além disso, a função do trabalho acadêmica, dentro de alguns anos, não será mais àquele que a seu modo organizava as bases da tríplice aliança entre ensino – pesquisa – extensão. Posto o problema desse modo, cabem-nos algumas perguntas: como pensar o ensino de História, em um momento de desprestígio de antigos referenciais? Por outro lado, como analisar as reflexões de “modismos” historiográficos que pressupõem alternativas, mas não eliminam o problema? Como não deixar de verificar as contribuições ensejadas pro referenciais clássicos e não desperceber a contribuição de “novos”? como pensar a função do intelectual pesquisador e professor mediante esses desafios?

maior número), a publicação de livros que tiveram como base pesquisas acadêmicas permaneceu pequena, limitadas que estavam àquelas coleções pioneiras de documentos brasileiros (Cf. PONTES, 1989). Antes desse período a maioria dos autores que obtinha acesso ao mercado editorial, era ou por meio de suas relações de poder e de amizades pessoais com a elite dirigente, ou a partir de capitais simbólicos e pessoais, por meio dos quais financiavam, por sua própria conta e risco, a publicação de suas obras no exterior. A melhoria dos transportes e a modernização de estradas e cidades não resolveram o problema, embora tenha melhorado a distribuição de livros e revistas no país (Cf. MICELI, 2001). No entanto, o debate entre Universidades, Faculdades e Institutos, ficou ainda restrito a poucas reuniões, uma vez que o produto primordial do conhecimento de ponta produzido no país, que são dissertações e teses circulava, muito lentamente e os debates ficavam, via de regra, restritos aos pequenos círculos de debates dos cursos de graduação e pós-graduação das Universidades (Cf. DIEHL, 1999).

Muitos autores, nesse sentido, têm se debruçado sobre essas questões⁶, procurando verificar: a) o crescimento na produção e no número de programas de pós-graduação em Ciências Humanas e História no país; b) o desenvolvimento de linhas de pesquisa; c) o trabalho de brasilianistas e os

⁶ José Honório Rodrigues (1965; 1969) foi um dos pioneiros ao estudar a delimitação e as funções exercidas pelo historiador quando se escreve seus textos, desenvolve métodos de pesquisa e escolhe suas fontes. Embora não tenha sido uma de suas preocupações centrais, o estudo da fundação e do desenvolvimento dos cursos de História e o acompanhamento de trajetórias acadêmicas de historiadores formados em Universidades no país, preocupou-se com os caminhos tomados pela historiografia em vários momentos da história nacional. Em *A pesquisa histórica no Brasil*, de 1952, fez uma demarcação dos autores e instituições que estudaram o passado do país, investigando o desenvolvimento das pesquisas sobre a história nacional, a partir dos temas e métodos escolhidos nos trabalhos analisados. Com *História e historiadores do Brasil*, publicados em 1965, procurou fazer uma revisão dos estudos históricos nacionais, delimitando quais os assuntos selecionados e como foram pesquisados. José Roberto do Amaral Lapa (1981), na mesma linha de estudos, procurou investigar os períodos históricos, métodos e fontes escolhidas em trabalhos produzidos principalmente depois da década de 1930, dentro e fora das Universidades. Ele catalogou o número de trabalhos defendidos até meados da década de 1980, pautando-se nos dados concernentes, principalmente, à produção do Estado de São Paulo. Astor Antônio Diehl (1999), estudou as características de uma cultura historiográfica que de meados dos séculos XIX até a década de 70 “foi caracterizada como sendo otimista nas suas formas de orientação sobre o passado e futuro”. Para ele o professor de história e historiador foram pensados como duas pessoas diferentes. E uma das formas de superar esse dilema e a questão do amadorismo nos estudos históricos seria transpor as barreiras conservadoras da Universidade, por uma estrutura moderna teórica e metodologicamente, porque, haveria uma querela entre historiografia antiga e moderna e os estudos históricos no Brasil na década de 1950, ainda não haveriam superado os pedaços do positivismo. Uma de suas preocupações centrais foram estudar a utilização de metodologias, produzidas no exterior, dentro e fora das Universidades brasileiras. Francisco Iglesias (2000), avançou sobre os trabalhos anteriores ao ter como preocupação analisar o aprimoramento dos estudos históricos a partir do estudo de obras de diversos autores, por meio do desenvolvimento do ofício historiador. Não teve a oportunidade de aprofundar sua análise para o período de consolidação das Universidades brasileiras. O autor recorreu a análise comparada de historiadores brasileiros e estrangeiros, a partir de três momentos-chaves: a) as Faculdades de Filosofia e de Economia, que contam entre outros com o curso de história”, até 19?? E marcaria as tentativas de se pensar social, cultural e economicamente o país, com a contribuição, posterior, das Universidades. de 1500 até 1838. Representaria as primeiras tentativas de se pensar o que seria o Brasil, ou melhor, o que seriam as partes daquele território até então, ainda pouco conhecido, já que a idéia de Brasil, nesse momento, ainda não estava totalmente elaborada; b) de 1838, com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), até 1931, surgiram interpretações mais fundamentadas em documentos, que versavam a contribuição de “grandes homens” nas relações com o Estado, e haveria tentativas de se escrever uma história social

debates e intercâmbios de idéias e temas com pesquisadores brasileiros; d) o aumento das traduções de diversos autores filiados à “Nova História Cultural” e sua apropriação metodológica e utilização em pesquisas elaboradas no último quartel do século XX; e) e as discussões sobre esse material em revistas especializadas e apresentadas por meio de trabalhos em Congressos, a bibliografia e as fontes pertinentes em cada caso (FICO; POLITO, 1992).

A partir desse quadro sucinto de reflexões percebe-se que um outro conjunto de questionamentos se forma sobre o assunto, tornando profícuas pesquisas que procurem pormenorizar o processo de diversificação de trabalhos produzidos entre as Universidades e as formas de intercâmbios e trocas de experiências de pesquisas possibilitadas, via de regra, por meio de congressos acadêmicos, livros e revistas especializadas. Tendo em vista que a reunião anual da SBPC foi considerada um evento científico de grande repercussão e significado no país, utilizou-se para o presente trabalho seus Anais referentes à área de História, que foram incorporados, junto aos cadernos de resumos, em meados da década de 1970. Analisaram-se, os anos ímpares dos cadernos de resumos, dos anos de 1979 a 1993. A escolha dos anos ocorreu porque no período houve maior intercâmbio entre as Universidades e Faculdades do país e existia um maior número de exemplares, enquanto que em momento anterior à década de 1970 a coleção apresentava-se muito esparsa, além do fato referido acima, qual seja, o de ainda não existir um espaço delimitado para a apresentação de pesquisas em História. Um outro esteve ligado à diversificação da modalidade de apresentação dos resumos, por meio de abertura para alunos de graduação, e principalmente em função da expansão de centros de pesquisa e programas de pós-graduações no país. A primeira tabela expõe o número de resumos apresentados no congresso e a trajetória da participação das Universidades do Estado de São Paulo:

Em primeiro lugar (conforme a Tabela: 2) pode-se notar que o número de resumos apresentados no período, na área de História, não teve um aumento contínuo com o passar dos anos. Além disso, não é possível afirmar que os momentos de pico no número de resumos foram reflexos puros do lugar onde foram apresentados, mesmo porque quando foram apresentados apenas cinco resumos no ano de 1991, não ocorreu fora dos grandes centros de pesquisa. No ano de 1979, dos 36 trabalhos apresentados, as Universidades do Estado de São Paulo expuseram 31 deles o que

sobre o Brasil; c) e de 1931 com a “reforma do ensino Francisco Campos, criadora das Faculdades de Educação, Ciências e Letras, depois multiplicadas com as Faculdades de Filosofia e Economia, que contam entre outros com o curso de História”, até 19?? E marcaria as tentativas de se pensar social, cultural e economicamente o país, com a contribuição, posterior, das Universidades.

equivale a 86%, sendo destes a maior parte apresentados pela USP. No ano de 1981, dos 20 trabalhos apresentados, as Universidades do Estado de São Paulo expuseram sete deles, totalizando 35%. Nesse ano houve uma pequena diminuição, talvez porque o lugar onde ocorreu o evento (UFBA – Bahia) tenha dificultado a participação de profissionais de São Paulo, uma vez que no ano seguinte esse número voltou a aumentar para 19 trabalhos, tendo ocorrido o evento na UNICAMP, em Campinas, no Estado de São Paulo.

Tabela 2 - Universidades de São Paulo nos anais da sbpc, 1979 – 1993.

| Ano | Universidades do Estado de São Paulo | | De Outros Estados | | Sem Referência | | Total Número | Local da Reunião |
|------|--------------------------------------|------------|-------------------|------------|----------------|------------|-----------------|------------------|
| | Número | Percentual | Número | Percentual | Número | Percentual | | |
| 1979 | 31 | 86,0 | 04 | 11,0 | 01 | 3,0 | 36 | _____ |
| 1981 | 07 | 35,0 | 13 | 65,0 | – | – | 20 | UFBA |
| 1983 | 14 | 70,0 | 05 | 25,0 | 01 | 5,0 | 20 | UFPA |
| 1985 | 13 | 36,0 | 23 | 64,0 | – | – | 36 | UFMG |
| 1987 | 13 | 38,0 | 14 | 41,0 | 07 | 21,0 | 34 | UNB |
| 1989 | 06 | 60,0 | 04 | 40,0 | – | – | 10 | _____ |
| 1991 | 01 | 20,0 | 03 | 60,0 | 01 | 20,0 | 05 | UFRJ |
| 1993 | 06 | 13,0 | 33 | 72,0 | 07 | 15,0 | 46 | UFPE |

FONTE: Anais da SBPC referente ao caderno de resumos da área de História.

Entretanto, não se deve apenas ao lugar onde ocorre o evento a diminuição na participação de profissionais do Estado de São Paulo, no número de trabalhos apresentados, mesmo porque no ano de 1983, quando a reunião ocorreu na UFPA (Pará – Belém), as Universidades do Estado de São Paulo contaram com 14 dos 20 trabalhos apresentados. Entre os anos de 1982 e 1984 os números foram: 29 trabalhos em 1982, tendo estas, apresentado 19, isto é, 65%; em 1983, 20 trabalhos, tendo estas, apresentado 14 deles, ou 70% do total; no ano de 1984, 36 trabalhos, tendo essas, apresentado 25 deles, representando 69% do total. Nesse período USP, UNESP e UNICAMP foram as responsáveis pela grande maioria dos trabalhos apresentados pelas Universidades do Estado de São Paulo: no ano de 1979 a USP apresentou 17, a UNESP, 9 e a UNICAMP, 4; já em 1982 a USP apresentou 13, a UNICAMP, 4 e a UNESP, 1; por outro lado, no ano de 1984 a USP apresentou 10, a UNICAMP, 6, a UNESP não apresentou nenhum, a PUC/SP, porém, participou com 4 resumos na reunião.

Os números que aparecem em seguida, já demonstram uma diminuição nessa participação, em termos percentuais, embora em termos absolutos mantenha sua representatividade. No ano de 1985 soa 36 trabalhos, as Universidades do Estado de São Paulo apresentaram 13 deles, totalizando 36%; em 1987 dos 34 trabalhos, apresentam 13 deles, 38% do total; em 1988 dos 42 trabalhos, apresentam 20 deles, 47,6% do total; em 1989 dos 10 trabalhos, apresentaram seis (USP – 4, PUC – 1, UNICAMP – 1) deles, sendo 60% do total (os outros 4 restantes foram apresentados pro Universidades Federais); em 1990 dos 37 trabalhos, apresentam 15 deles, 40,5% do total; em 1991 dos 5 trabalhos, apresentam 1 deles, 20% do total; em 1993 dos 46 trabalhos, apresentam 6 deles, 13% do total e no ano de 1997 dos 53 trabalhos, apresentam 10, ou seja, 19% do total.

Nesse momento, a participação das Universidades do Estado de São Paulo diminui significativamente, embora os números não sejam lineares, para computarmos sua diminuição, pois houve uma variação de ano para ano. Enquanto que a participação de outras Universidades, principalmente as federais, foi obtendo um aumento significativo. Por exemplo, embora a USP no ano de 1985 tenha apresentado sete trabalhos. A UFF apresentou 10 e a UFRJ quatro. Um outro exemplo pode ser dado com os números do ano de 1993, em que as Universidades do Estado de São Paulo apresentaram seis trabalhos, enquanto as universidades federais apresentaram 21 dos 46 totais, o que equivale a 45,6% dos trabalhos. No ano de 1997 os números foram os seguintes: 10 trabalhos para as Universidades do Estado de São Paulo – USP e UNESP apresentaram cinco cada uma – e as federais 22, dos 53 do total , sendo equivalente a 41,5%.

Dos números apresentados, cabe uma pergunta: o que fez com que as Universidades do Estado de São Paulo diminuíssem sua participação no Congresso? Na pesquisa levantamos duas hipóteses: a) a primeira referente ao desenvolvimento e consolidação de cursos de graduação e programas de pós-graduação na área de História, em universidades públicas, privadas e federais pelo país; b) a segunda diz respeito ao fortalecimento da Associação nacional de professores universitários de História (Anpuh), fundando uma revista no início da década de 1980 (mais especificamente no ano de 1981, contando a comissão editorial basicamente com professores do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro), o que pode ter redirecionado a concentração de profissionais do Estado de São Paulo, uma vez que eles tiveram participação no número de artigos que se apresentava na revista, nos congressos e na direção da associação. A segunda hipótese ainda não foi suficientemente estudada, embora pareça ser um forte traço para essa mudança, até porque boa parte dos profissionais que faziam parte de sua administração no final da década de 1980 e na de 1990, formam parte do corpo

docente dos professores da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade de Campinas (UNICAMP) e da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Tabela 3: Tipologia dos participantes da sbpc, 1979 – 1993.

| Ano | Professores Universitários | | Graduandos Professores | | Total Número | Local da Reunião |
|------|-------------------------------|------------|---------------------------|------------|-----------------|---------------------|
| | Número | Porcentual | Número | Percentual | | |
| 1979 | 36 | 100,0 | – | – | 36 | – |
| 1981 | 20 | 100,0 | – | – | 20 | UFBa |
| 1983 | 20 | 100,0 | – | – | 20 | UFPA |
| 1985 | 34 | 94,0 | 02 | 6,0 | 36 | UFMG |
| 1987 | 26 | 76,0 | 08 | 24,0 | 34 | UNB |
| 1989 | 07 | 70,0 | 03 | 30,0 | 10 | – |
| 1991 | 04 | 80,0 | 01 | 20,0 | 02 | UFRJ |
| 1993 | 32 | 65,5 | 14 | 30,5 | 46 | UFPE |

FONTE: Anais da SBPC referente ao caderno de resumos da área de História.

A terceira tabela procurou apresentar o perfil dos participantes. Até o ano de 1993, em média, 90% dos trabalhos foram apresentados por professores, tendo sido entre os percentuais mais baixos os anos de 1984 com 80,5%, 1987 com 76%, 1989 com 70% e 1991 com 80%. Entre os anos de 1992 e 1993, o congresso abre a modalidade de iniciação científica, com a participação de alunos de graduação podendo expor seus trabalhos. Até então, além da participação de professores, havia a de alunos nos níveis de mestrado e doutorado; quando não, a modalidade não apresentava titulação e origem e, às vezes, também apareciam professores das redes estaduais e particulares do ensino fundamental e médio. Evidentemente, levou-se em consideração que havia professores mestres ou terminando seus mestrados, doutores ou terminando eles, assim como bolsistas que, ao invés de inscreverem-se deste modo, preferiam a referência de professores universitários. Desse modo, considerou a modalidade de acordo como fora apresentada no resumo: professor do departamento; aluno de pós-graduação nos níveis de mestrado e doutorado, aluno de graduação, pro exemplo.

A partir dos primeiros anos da década de 1990 o número de trabalhos apresentados por professores vai diminuindo, ao mesmo tempo em que aumentava consideravelmente a participação de alunos dos cursos de graduação em História. No ano de 1997 os números foram os seguintes: dos 53 trabalhos apresentados no congresso, 14 foram por professores, dois por doutorados, 11 por mestrados e 26 por alunos dos cursos de graduação. Novamente a idéia do fortalecimento político e institucional da Associação Nacional de professores universitários de História (Anpuh), pareceram-nos uma forte hipótese para compreender esses números, junto com àquela da consolidação de uma

rede de debates em nível nacional, com a participação cada vez mais efetiva de universidades federais.

Além disso, para finalizar, deve-se ressaltar: a) o aumento de bolsas de iniciação científica concedida entre as universidades, nas quais vão aparecendo de forma mais efetiva a partir dos anos de 1993 a 1997; b) a possibilidade de um número maior de professores melhorando sua formação – por meio de títulos de mestrado, doutorado e livre docência - orientar mais trabalhos de pesquisa; c) aumento do número de vagas e alunos matriculados entre os cursos de graduação, tanto no período diurno, como noturno; d) divulgação e apreensão de conteúdos, temas e métodos de pesquisa; e) elaboração e constituição de núcleos e programas de pesquisa com suporte bibliográfico nacional e internacional, circunscrito com temáticas que estiveram em concordância ou adversas a pressupostos hegemônicos no período, entre outros fatores. Desse conjunto de apontamentos, forma-se um período mais complexo e difícil se ser interpretado. Percebe-se a multiplicidade de caminhos possíveis a serem seguidos, que não aqueles já conhecidos e divulgados pela historiografia brasileira.

FONTES IMPRESSAS

Cadernos de resumos. ^{SBPC}. S/R: julho de 1979, 31(7): 137 – 148.

Cadernos de resumos. SBPC. UFBA – Bahia – Salvador: 8 a 15/7/1981, 33 (7): 144 – 150.

Cadernos de resumos. SBPC. UNICAMP – São Paulo – Campinas: 6 a 14/7/1982, 34 (7): 187 – 196.

Cadernos de resumos. SBPC. UFPA – Pará – Belém: 6 a 13/7/1983, 35(7): 161 – 168.

Cadernos de resumos. SBPC. USP – São Paulo – São Paulo: 4 a 11/7/1984, 36 (7): 197 – 207.

Cadernos de resumos. SBPC. UFMG – Minas Geras: 10 a 17/7/1985, 37 (7): 138 – 149.

Cadernos de resumos. SBPC. UNB – Brasília: julho de 1987, 39 (7): 168 – 179.

Cadernos de resumos. SBPC. Belo Horizonte: julho de 1988, 40 (7): 230 – 243.

Cadernos de resumos. SBPC. S/R: julho de 1989, 41 (7): 171 – 174.

Cadernos de resumos. SBPC. UFRGS – Porto Alegre: julho de 1990, 42 (7): 242 – 302.

Cadernos de resumos. SBPC. UFRJ – Rio de Janeiro: 14 a 19/7/1991, 43 (7): 350 – 357.

Cadernos de resumos. SBPC. UFPE – Recife: 11 a 16/7/1993, 45 (7): 413 – 459.

Cadernos de resumos. SBPC. UFMG – Minas Gerais: 49 (7), julho de 1997.

REFERÊNCIA

- BOUTIER, J; JULIA, D. (org.). **Passados recompostos: campos e canteiros da História**. Trad. Marcella Mortara e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: UFRJ: FGV, 1998.
- CARDOSO, C. F; VAINFAS, R. (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CERTEAU, M. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; Revisão Técnica de Arno Vorgel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CIENTISTAS do Brasil: depoimentos. São Paulo: SBPC, 1998.
- DIEHL, A **A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970** Passo Fundo: Ediupif, 1999, 4. v.
- FICO, C; POLITO, R. **A história no Brasil (1980 – 1989): elementos para uma avaliação historiográfica** Ouro Preto: UFOP, 1992, 2.v.
- FREITAS, M. C. (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.
- IGLÉSIAS, F. **História e ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. **Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000.
- LE GOFF, J. **Memória e história**. 4. ed. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas; São Paulo: Ed. Unicamp, 1996. (coleção repertórios).
- LUCA, T. R. de. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n) ação**. São Paulo: Edunesp, 1999.
- MALERBA, J (org.). **A velha história: teoria, metodologia e historiografia**. São Paulo: Papirus, 1998.
- MICELI. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PONTES. Retratos do Brasil. Editores e “Coleções Brasilianas” nas décadas de 30, 40 e 50. In:
- MICELI, S. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. (v.1). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989, 2 v. pp. 359 – 409.
- RODRIGUES. **História e historiadores do Brasil**. São Paulo: Fulgor, 1965.
- TELES. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**. Apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas de 1987 a 1972 – 16. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.